

MÊS SAHOS

Um vento suave balançando as árvores. Baile de folhas.

Maria Aparecida Arruda (1931/1998)

A flor pequena desperta a primavera o ciclo se cumpre.

Maria Aparecida Arruda

Ar perfumado vale vestiu de branco lírio-do-brejo.

Maria Aparecida Arruda

Rodeio de boi o animal humilhado palmas da platéia.

Maria Aparecida Arruda

Cíclame vermelho plantado na lata de leite alegre a favela.

Maria Aparecida Arruda

Com chapéu de lã garoto dorme no banco com os pés descalços.

Maria Aparecida Arruda

A suinã floresce na praça seca e suja os garis descansam.

Maria Aparecida Arruda

Flores de maio vaso no centro da mesa lembrança da vovó.

Maria Aparecida Arruda

Sem terra, sem nome trabalhadores cansados Dia do Trabalho.

Maria Aparecida Arruda

A rosa vermelha recebendo vento forte sangue na grama.

Maria Aparecida Arruda

Dentro da gaiola o canário olhando o jardim esquece a prisão.

Maria Aparecida Arruda

Marinheiro triste que voltas para bordo que pensamentos são esses que te ocupam?

Alguma mulher amante de passagem que deixaste longe num porto de escala? ou tua amargura tem outras raízes largas fraternais mais nobre mais fundas? Marinheiro triste de um país distante passaste por mim tão alheio a tudo que nem presentiste marinheiro triste a onda viril de fraterno afeto em que te envolvi

ias triste e lúcido antes melhora fora que voltasses bêbedo marinheiro triste!

E eu que para casa vou como tu vais para o teu navio, feroz casco sujo amarrado ao cais, também como tu marinheiro triste vou lúcido e triste.

Amanhã terá depois que partires o vento do largo o horizonte imenso o sal do mar alto! Mas eu, marinheiro? – Antes melhor fora que voltasses bêbedo!

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886/1968), Marinheiro Triste: f ④

Andorinha no fio escutou um segredo. Foi à torre da igreja, cochichou com o sino.

E o sino bem alto: delém-dem delém-dem delém-dem dem-dem!

Toda cidade ficou sabendo.

Henriqueta Lisboa (1904/1985), Segredo; em O Menino Poeta (1939/1941) f ③

Sensação de fraude me persegue, fina sensação de fraude.

Semelhante a um galgo de aguçado faro desgarrado, esquerdo.

Dizem logo: verde! mas na rama espessa frutos escasseiam.

Vida que promete vasto pano verde que promete falso.

Mas fugiu a sorte com seus pés caprinos? Quero ver a sorte,

quero ver os dados pelos lados todos, quero ver meu número.

Eu aposto: é a sorte quem prepara o molde de seus próprios blocos, e quem arma o salto dos quadrados soltos no trapézio verde.

Mas jogar incauto contra tantos riscos e malabarismos?

Veja quem tem olhos, veja os algoritmos no seu breve giro.

Veja, veja o golpe desses dedos ágeis – mãos de pitonisa sonogando fraude.

Veja a sorte, veja-a com seu pés caprinos, com seu pés fugindo sem deixar vestígios.

Sem deixar vestígios sobre o pano verde.

Henriqueta Lisboa, Fraude: f ④

Ele acredita que o chão é duro que todos os homens estão apressos que há limites para a poesia que não há sorrisos nas crianças nem amor nas mulheres que só de pão vive o homem que não há um outro mundo.

Murilo Monteiro Mendes (1901/1975), O Utopista: f ④

Caminho de formiguinhas fiozinho de caminho. Caminho de lá vai um, atrás de uma lá vai outra. Uma duas angolinhas, corrente de formiguinhas.

Corrente de formiguinhas, centenas de pontos pretos, cabecinhas de alfinete rezando contas de terço.

Nas costas das formiguinhas de cinturinhas fininhas pesam grandes folhas mortas que oscilam a cada passo.

Nas costas das formiguinhas que lá vão subindo o morro igual ao morro da igreja, folhas mortas são andores nesta Procissão dos Passos.

Henriqueta Lisboa (1904/1985), Corrente de Formiguinhas; em O Menino Poeta (1939/1941): f ③

Boizinho de olhos cansados, boizinho de olhos compridos, sentado nas quatro patas numa curva de caminho.

Os carros subindo o morro (boizinho agora se lembra) cantava – ou era um choro? (mas isso foi no outro tempo).

Henriqueta Lisboa (1904/1985), Boizinho Velho; em O Menino Poeta (1939/1941): f ④

Minha própria guilhotina; (dois dedos de minha mão), quando levam nicotina do cigarro ao meu pulmão.

Ailson Cardoso de Oliveira, Trova de Elogio

A poesia toma vulto pela pátria brasileira; Poetas por todos os cantos mostram da rima faceira mensagens do dia a dia construindo com poesia nossa nobreza fagueira...

Bendito meu Ribeirão, terra que foi do café, onde a cana hoje produz o álcool que põe de pé no Brasil, todo o trabalho dos veículos, se não falho, de um povo de muita fé...

Como surpreende meu povo e transforma-se a cidade de uns tempos para cá; aos velhos campos invade os núcleos de habitação; em nova civilização

progride a comunidade. Ele manhã, pleno, contente, pelas ruas vai seu povo de carro, ônibus ou a pé, ao trabalho em renovo buscando da profissão respeito, ganhando o pão, construindo um mundo novo. Enquanto que muitos voltam dos seu trabalho noturno dedicando toda a noite ganhando a vida em seu turno como músico ou garção, trabalhando com emoção com mais pendor que o diurno.

Ferve gente, em choperia, clubes de música ao vivo ou de cartuchos gerais e colocam redivivo o que interessa, no alinhô e ao pé do ouvido os papinhos que fazem o sonho ativo...

General, Visconde, Álvares, São Sebastião... Área central... Ruas que da praça XV têm o movimento geral... A tudo o mais engalana o clima de provinciana da cidade colossal...

Habitare neste interior tem um não sei quê de enfeitice e se expande pelo Estado e pelo Brasil faz liça por sua localização... É no mapa a sensação do conhecer por cobiça!!!

Inflama até os políticos de qualquer posição... Governador, Presidente, não saem desta região do chope, da cana, da fé, tomando o fino café que deu fama ao roxo chão...

Jorrando pelas torneiras a água gostosa e tão pura, jamais falha no chuveiro, porque corrente é a fartura. ...e creio ser brincadeira essa notícia matreira de seus lençóis a segura...

Lembrando de mil histórias de Ribeirão Preto de Ourora, Prisco Prates, nos reporta, do passado nossa aurora, da cidade comovente, quando era incipiente... Como é majestosa agora!

Movimento é na Baixada... Imensa é a rodoviária ao som de Ribeirão Preto... É a paisagem operária! Quando o sol cede-se à lua o boêmio e o amor de rua é poesia imaginária.

Nas festas oficiais quanta coisa é novidade; a praça central tão bela e a sala da cidade... O teatro Pedro II queimado em fogo iracundo do passado traz saudade...

Camelô em sua esquina vende poção e raiz receitando a sol a pino; ...e deixa o povo feliz! Da catuaba – o chazinho... Qualquer erva, com carinho a bula é o que ele diz... Percorrendo pelo centro

ou pelos bairros, contente o turista vai sonhando com os velhos tempos que, a gente longe da poluição, tinha paz no coração, nos grandes centros, calmamente.

Quando chega o fim de ano a velha área central recebe todo o seu povo para as compras de Natal... Mas nos bairros, felizmente, o comércio é atraente, em preço menor ou igual...

Ribeirão Preto é interior de São Paulo, terra amiga; Paraíso regional! Trabalha-se como formiga vivendo tranquilamente, por mais cruel e dolente que a crise provoque a briga.

São Sebastião tem seu dia respeitado com carinho, pois o Santo Padreiro não se descuida um pouquinho dos seu caros afilhados que lutam por todos os lados sem deixar ninguém sozinho...

Trólebus – um novo transporte – o elétrico da cidade – circula de dia e à noite com grande facilidade e quem trabalha até tarde já não precisa de alarde pra sua felicidade...

Anindo ao belo central têm encantos sonhadores... Bosque, Teatros, Museus, Recanto dos Trovadores, onde o encanto é a poesia da mais terna maestria dos nossos vates cantores...

Mersos à Ribeirão Preto de Nilton da Costa Teixeira é a homenagem gloriosa a esta terra hospitaleira, onde o nosso maior poeta cantou com rima seleta esta jóia brasileira...

Xicara lembra a café, fervente em casa ou no bar, do passado nossa história da catadeira exemplar, do comércio e exportação, das lendas quanta emoção que os senis teimar em dar.

Zelando pelos encantos temos um velho mosteiro, um Parque de Exposições; o Ipiranga, bairro faceiro, tradição é Vila Tibério, vive livre do mistério,

Vila Virgínia, Santa Cruz, Tanquinho, Recreio, Paulista, é em sua imensidão a união toda altruista, de um povo hospitaleiro que sabe além de ordeiro plantar poesia em seu chão.

Nilton Manoel de Andrade Teixeira, 300 Ribeirãopretano: de Poesia de Cordel nº 9, 2ª Edição, 1986

Dos jovens sigo o evangelho, e feliz, de frente erguida, vou, disfarçado de velho, descendo a encosta da vida.

Orlando Brito

Breve momento, após cumprido dia de incômodos, de penas, de cansaço.

inda o corpo a sentir quebrado e lasso, posso a ti me entregar, doce Poesia!

Desta janela aberta a luz tardia do luar em cheio a clarear o espaço, vejo-te vir, ouço o leve passo na transparência azul da noite fria.

Chegas. O ósculo teu me vivifica. Mas é tão tarde! Rápido flutuas, tornando logo à etérea imensidade;

e na mesa a que escrevo apenas fica sobre o papel – rastro das asas tuas – um verso, um pensamento, uma saudade.

Antônio Mariano Alberto de Oliveira (1859/1937),

Horas Mortas: f ①

Eu não espero o bem que mais desejo: sou condenado, e disso convencido; vossas palavras, com que sou punido, são penas e verdades de sobejo.

O que dizeis é mal muito sabido, pois nem se esconde nem procura ensejo, e anda à vista naquilo que mais vejo: em vosso olhar, severo ou distraído.

Tudo quanto afirmais eu mesmo alego: ao meu amor desamparado e triste toda a esperança de alcançar-vos nego:

digo-lhe quanto sei, mas ele insiste; conto-lhe o mal que vejo, e ele, que é cego, põe-se a sonhar o bem que não existe.

Vicente Augusto de Carvalho (1866/1924),

Velho Tema – IV: f ①

Sete horas da manhã, já pela praça os pardais se derramam em revoada... Na General Osório, gente passa em busca de destino, atarefada...

É a balconista exuberando graça, é o comerciário quase em disparada, é a estudantada que a rotina traça a mover-se continua na calçada...

Compacta comprimida, a massa avança formando um todo vivo rua acima a marcar barulhenta, estranha dança...

E, enquanto avança em ribombar de passos, da mímica humana em que se anima, faz matinal rotina de compassos

Nilton da Costa Teixeira (1920/1983), Matinais na General; em Poema de Cordel 9 de Nilton Manoel de Andrade Teixeira, 2ª Edição 1986

Saudei hoje um cachorro policial: – Como vai? – Como todo bom rafeiro: cada ladrão que passa, isto é fatal! não fica em bons lençóis: sinto-lhe o cheiro, graças a este meu faro sem rival.

Nisto, aproxima-se um politiquero que hoje, se não me engano, é deputado. Perguntei: – Não sentiu certo cheiro? – Não, estou hoje muito indeflexado.

Com toda esta pericia, este cão vai a chefe de polícia.

Trilussa (Carlo Alberto Salustri 1873/1950),

O Cão Policial (trad. Paulo Alfeu Junqueira de Monteiro Duarte 1899/1984): f ④

Fatal dedução inferente saber-se capaz e sentir-se impotente.

Helena Armond: de Velaturas, 1987

Serviram-me numa grande festa pessoas verdes cruas e indigestas.

Helena Armond: de Velaturas, 1987

Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.

Carlos Drummond de Andrade (1902/1987)

## KIDAIS DE OUTONO



Vinte e Dois de Abril!  
Descoberta do Brasil!  
Viva o Seu Cabral!  
Agostinho José de Souza

A represa limpa  
depois da noite de chuva.  
Primeiro de abril!  
Alba Christina

Estamos no outono.  
As folhas amareladas,  
revestem o chão.  
Albertina C. G. dos Santos

Folha amarelada,  
tingindo de outono a vida,  
no chão, desfalece...  
Amália Marie G. Bornheim

O coração aberto  
arapuca para os tolos  
o pássaro voa.  
Carlos R. Barbosa de Jesus

Pousa uma libélula  
na água do tacho, ao sol,  
com asas rendadas!...  
Edel Costa

Primeiro de Abril.  
O teu amor de mentira  
e o meu de verdade...  
Edmar Japiassú Maia

Preso naquela árvore,  
a orquídea saída a vida  
num abraço eterno.  
Eduardo Lopes Vieira

Páscoa é comunhão...  
- Cordeiro, quero prazeteiro,  
salta o cristão.  
Fernando L. de A. Soares

Orquídea da mata, num  
tosco tronco, sem galas,  
e a mesma impoñência.  
Fernando Vasconcelos

Ao romper da aurora,  
sob a intensa luz do sol,  
rebrilha a libélula.  
Heloísa Sauerboom Brandão

Sonho milionário,  
ao despertar, decepção:  
Primeiro de abril!...  
Helvécio Durso

É dia e escurece, na  
Páscoa, ano trinta e três.  
- O Rei está morto!  
Hermoclydes S. Franco

Salário dobrado;  
na feira, tudo barato.  
... 1.º de Abril!  
Humberto Del Maestro

Os galhos vergaram  
tão cheios de mexerica  
colho algumas.  
Joana de Toledo Machado

O Brasil descoberto... Pouco  
a pouco o índio coberto.  
Vergonha escondida!  
João Elias dos Santos

Peixes mais rápidos,  
escondidos no aguapé,  
flechando libélulas.  
José Neres Reis

Relâmpago, luzes.  
Bamboleia a perna bambá  
um clarão de cruzes.  
José Walter da Fonseca

Capital Brasília,  
Descoberta do Brasil.  
Pataxó queimado...  
Larissa Lacerda Menendez

Por que foi haver?!  
- Descoberta do Brasil -  
índio quer saber!  
M. U. Moncam

Ingenuidade...  
meu neto, às escondidas,  
casca mexerica.  
Maria de Jesus B. de Mello

Pobre mexerica!  
Não adianta se esconder...  
O cheiro aparece!...  
Maria Madalena Ferreira

Sobre as montanhas  
relâmpagos noturnos.  
Cêu encantado!  
Nadyr Leme Zanant

Naus de Portugal  
o Brasil foi descoberto...  
Hoje o índio é sem Terra.  
Nilton Manoel Teixeira

Vovó e a paineira.  
Travessieiros, edredom.  
Presente de bodas.  
Olga Amorim

Alta madrugada!  
Sob a paineira florida  
um velho sonha...  
Olíria Alvarenga

Primeiro de abril...  
mentiras por todo lado  
risada geral.  
Salma Lasmaz Duarte

Libélula dança  
na superfície espelhada  
do lago sereno...  
Santos Teodósio

Com relâmpagos,  
desligo a TV e recolho-me.  
Espectros no quarto.  
Sergio de Jesus Luizato

A folha amarela  
antiga, com o vento briga.  
Jardineiro vela...  
Sérgio Serra



## Kigos à escolha para até três haicais a serem enviados

até o dia 10.05.99:

A Primeira Missa, Cravo, Estrela Cadente.

Até o dia 10.06.99:

Dia das Mães, Tucano, Uva.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra da sazão. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos corretos dos respectivos kigos.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.

## EL JAIKU EN ESPAÑA

Pedro Aullón de Haro

Seguramente a poesia ocidental não produziu (resultaria impensável como consequência de nossas estruturas mentais e nossa cultura) nenhum mecanismo lírico comparável a qualidade do substancial que habita no haikai, forma poética de guia secular silábico 5-7-5.

Sua brevidade é concebida como essencialização de sensações em direção única, deixando de lado a intelecção e projetando ao mínimo a personalidade do autor sobre o feito poético. Realiza mediante livres palavras a fixação perceptiva de uma realidade, e sempre em intenção, não em extensão. O haikai trata de uma vivência que se fundamenta em iluminações propiciadas por um estado mental capaz de potenciar uma

Ó vagabundos involuntários,  
ó famintos proletários,  
artistas, lavradores, operários,  
soldados, marinheiros,  
meus miseráveis companheiros!  
repudiái essa leva  
que à nossa frente se precipita  
num ridículo arremedo de aflição:  
não nos pertence toda essa grita,  
que a nossa dor atroz  
perdeu há muito a voz  
de duplicar em vão.

São  
os que sempre tudo nos roubaram  
usando as expressões de nossa angústia  
em frescos, fortes brados;  
tomando-nos a dianteira  
em passos lépidos e seguros,  
porque nunca dilaceraram os pés  
na rua da amargura,  
nem enfraqueceram os pulmões  
nos jejuns forçados.

Observai-os!  
- proprietários das altas posições,  
- senhores dos capitais,  
punindo pelos nossos direitos,  
agindo pela nossa causa,  
apavorados com a fecundidade  
da pobreza  
que vai ser dona do Mundo.

Observai-os!  
- comeram até à indigestão,  
beberam até à embriaguez,  
acumulando ouro  
e inutilizando alma,  
enquanto abasteciámos de amor  
os celeiros vazios,  
povoando o solo de infelizes.

São os que sempre nos roubaram tudo  
que planejam agora um roubo mais  
audaz;  
querem ainda esta migalha que nos resta:  
a independência de morrer de fome  
em paz.

Ó vagabundos involuntários,  
ó famintos proletários,  
artistas, lavradores, operários,  
soldados, marinheiros,  
escutai um momento  
a minha voz irmã:  
- aleitaram-se nos seios da miséria,  
brincaram nos nossos joelhos,  
os homens que serão  
o Brasil de amanhã!

Para a frente, companheiros, para a frente,  
na estranha calma do hábito da dor;  
que não nos sugestione essa falsa corrida  
dos que querem matar  
o que nos prende à vida:  
a fé,  
o sonho,  
o amor.

Para a frente, companheiros, para a frente,  
com eles, mas sobre eles, pois, em vão  
tudo nos usurparam,  
deixando-nos  
o direito essencial da procriação.  
Somos a força pela quantidade;  
avante, pela Pátria e a Humanidade,  
que é esmagadora a marcha dos sem pão!

Gilka da Costa de Melo Machado (1893/1980),  
Alerta, Miseráveis!: de Meu Rosto, 1947

Antônio Tomás Botto (1897/1959),  
Soneto: ④

No roseiral desta vida,

Pela trilha estreita,  
desfilam, bandeiras verdes.  
Formigas em marcha.  
Maria Reginato Labruciano

Formigas em fila.  
São alegres sentinelas  
de força e trabalho.  
Élen de Novais Felix

Ar condicionado.  
Água de coco enlatada,  
natureza morta.  
Patrícia Maia Patrício

Areia escaldante.  
Água de coco gelada.  
Sabor de verão!  
Cecy Tupinambá Uilhôa

Faz calor e o pobre  
para ter o pão do filho  
vende água de coco.  
Leda Mendes Jorge

Ceia de Ano Novo! Vovó,  
que trouxe o champagne  
dorme antes da hora...  
Douglas Eden Brotto

Formiga educada:  
na fileira, contramão,  
cumprimenta a todas...  
Leda Mendes Jorge

Escorre o suor  
água de coco gelada  
goles de prazeteiro.  
Patrícia Maia Patrício

Surpresa esperada.  
O facão bate certo,  
salta a água de coco.  
Héron Patrício

Na aridez da estrada:  
“água de coco gelada”  
cartaz de um oásis.  
Maria Reginato Labruciano



## IPÊS EM FOLHA

Café da manhã.  
As formigas já disputam  
meu açúcarero.  
Teruko Oda

*Réveillon*... Nas taças,  
transbordantes esperan-  
ças... - Feliz Ano Novo!  
Erey M. M. de Faria

No trilho entre folhas  
uma formiga carrega  
a isca assassina.  
Héron Patrício

Ontem foi um choro...  
As formigas fazem festa  
num doce caído.  
Mariemy Tokumu

Formigas caminham.  
Belo exemplo de união!  
Homem só contempla...  
Alda Corrêa M. Moreira

Após a pelada só um coco  
e um canudinho...  
Cachimbo da paz.  
Teruko Oda

No foguete ao longe  
*réveillon* antecipado.  
Não é meia-noite.  
Héron Patrício

Um jovem casal com  
um coco e dois canudos  
começa namoro.  
Renata Paccola

Tão pequeninha,  
formiga trabalhadeira,  
podando o jardim.  
Ailson Cardoso de Oliveira

Praia. Guri pobre vende  
água de coco, e compra  
sorvete de coco!  
Leonilda Hilgenberg Justus

*Réveillon* na praia.  
A esperança pula as ondas  
vestida de branco...  
Darly O. Barros

A menina dorme...  
Pirulito esquecido:  
Fila de formiga...  
Luis Koshitro Tokutake

Dedinhos curiosos  
querendo a água de coco  
procuram a tampa.  
Patrícia Maia Patrício

Plantas retalhadas:  
pra dentro do formigueiro,  
folhas caminhando.  
Renata Paccola

Batalhão em fila mar-  
chando rumo à cozinha.  
Formigueiro ativo...  
Darly O. Barros

Formigas em fila,  
parecem um risco preto  
no mármore branco.  
Djalda Winter Santos

Uma água de coco  
quebro o gelo que havia  
entre o jovem par...  
Erey M. M. de Faria

Carregando o fardo  
formigas trabalhadeiras  
trocam sutilezas...  
Erey M. M. de Faria

*Réveillon* na praia.  
A ressaca de dois bravos  
- o obrio, o mar...  
Teruko Oda

Formiga sozinha,  
irriquitada, procura  
o seu pelotão.  
João Batista Serra

A estrutura interna do haikai se realiza através de uma unificação da experiência que se manifesta mediante dois pólos de fricção cuja extensão ou conjunto produz a consequência última, amiúde implícita. É uma poesia que sugere e, se explícita em demasia, deforma sua qualidade expressiva. Precisamente a caracterização da sugestão é o que dificulta em excesso uma autêntica expressão haicasta ocidental. Por outra parte, a lucidez de sensação e espírito predominante neste tipo de poesia pode ser conclusão de oposições não relevantemente polarizadas. Em efeito, com frequência a comparação é interna, ao qual contribui sem dúvida um rigoroso sentido económico para com os elementos que funcionam no texto.

nas eras que já vivi,  
foi tanta rosa colhida,  
que espinhos... nem percebi!

Diche Galvão Campos, em Trovaregre 03.99

No futuro, que a bondade  
possa unir crentes e ateus;  
que a face da humanidade  
encontre a face de Deus.

Élen de Novais Felix

No primeiro vôo,  
filhote aflito no chão.  
O ninho lá em cima.

Manoel Fernandes Menendez ②

Início de outono.  
Ziguezague dos meus passos  
contornando folhas.

Manoel Fernandes Menendez ②

Tempo indefinido  
e os meus passos vão incertos.  
Chegada do outono.

Manoel Fernandes Menendez ②

É pasto cheiroso:  
capim-gordura na altura!  
Mugido moroso...

Manoel Fernandes Menendez ②

Rodando, a arara,  
aos gritos, convida as pessoas,  
para ver sua cor.

Eunice Arruda ②

Boêmios da noite.

Envolve lampiões da praça,  
tênuce garoa.

Fanny Luiza Dupré (1911/1996) ②

Há momentos nesta vida  
em que a gente, sem querer,  
depois da luta perdida  
é que começa a viver...

Analice Feitoza de Lima,  
em Sem Limites 02.99

Terra arada,  
milho na cuia,  
choveu no meu roçado.

Florindo Lins da Silva Júnior

Teu vulto distante.  
Sorriso. Aceno indeciso.  
Nosso eterno instante.

Waldomiro Siqueira Júnior

Este caranguejo  
está no mesmo lugar  
em que o céu de ontem.

Yosa Buson (1716/1784)

### BIBLIOGRAFIA

① Grandes Sonetos  
da Nossa Língua, 1987  
(Seleção de José Lino Grünewald)

② Natureza - Berço do Haikai  
Kigologia e Antologia, 1996  
H. Masuda Goga e Teruko Oda

③ Obras Completas I - Poesia Geral  
(1929/1983)  
Livraria Duas Cidades, 1985

④ Obras Primas da Poesia Universal  
(Sérgio Milliet 1898/1966),  
3ª Edição, 1954 e 1963